

ALI BERG & MICHELLE KALUS

28 LIVROS PARA TE ENCONTRAR



POR VEZES, O AMOR ESTÁ MESMO
AO VIRAR DA PÁGINA...

**TOP
SEL
LER**

*Para as nossas ninjas dos livros.
Por deixarem livros nos transportes públicos —
quando chove, cai granizo, ou no pico da hora de ponta.*

PARTE UM

*A pessoa, seja um cavalheiro ou uma senhora,
que não sinta prazer num bom romance
deve ser intoleravelmente estúpida.*

A Abadia de Northanger, Jane Austen

1

Se a vida de Frankie fosse um livro, dar-lhe-ia o nome de *Desilusão*, adequadamente intitulado de acordo com o desastre que era a sua carreira, a sua família e, claro está, a sua vida amorosa.

O despertador tocou com um tom acusador, declarando que já devia ter saído da cama há 20 minutos. Frankie suspirou, virou-se e enterrou o rosto no exemplar gasto de *Emma*, que guardara debaixo da almofada na noite anterior. Depois, mordeu o lábio, enquanto pensava que nunca seria suficientemente notável para ter um livro intitulado apenas com o seu nome próprio.

Mas Frankie nunca julgava um livro pelo título. Nem pela capa. Gostava de julgar os livros simplesmente pela primeira frase, que ela e a melhor amiga, Cat, batizaram de «nascer do livro». No nascimento de *Emma*, Austen descrevia Miss Woodhouse como sendo «bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e um temperamento animado». Em contraste com esta descrição, a primeira frase da vida de Frankie foi a seguinte declaração da sua mãe: «É careca e tem o nariz grande do pai.»

Frankie puxou o cobertor para cima da cabeça e bebeu as palavras da página aberta à sua frente. Sabia que estava a aproximar-se da cena do pedido de casamento e fechou os olhos. Era como um bom chocolate, não sabia se queria deliciar-se já com toda a sua riqueza ou guardá-lo para mais tarde. Mas naquele preciso instante ouviu-se o toque agudo do telefone e o seu dilema foi solucionado. Pegou no telemóvel e viu o nome da mãe no ecrã. Revirou os olhos, clicou em ignorar a chamada e arrastou-se lentamente para fora da cama.

Procurou uma roupa que fosse fácil de conjugar e acabou por escolher um vestido de algodão largo, que apanhou do chão. Depois de passar pela porta da casa de banho, encaminhou-se para a menina dos seus olhos — a estante de livros metodicamente ordenados por cores. A estante continha 172 dos seus livros favoritos e ocupava uma parede inteira da sala

de estar. Começavam com os vermelhos em cima, sucediam-se os cor de laranja, os amarelos, os cor-de-rosa, os lilases, os verdes, os azuis, os cinzentos e, por fim, os pretos. Era um arco-íris de livros. O seu refúgio mais feliz. Passou distraidamente os dedos pelas lombadas dos Austens forrados a tecido, pela capa dura dos Fowlers, por cima dos Brontës, e depois parou ao encontrar o verde-pálido de um livro que tinha o nome «Frankie Rose» gravado na lombada. Pegou nele com cuidado, como se fosse uma cobra prestes a morder-lhe, e abriu a primeira página.

*Para a Mãe, o Pai, a Cat, o Ads e, acima de tudo, para a pizza.
Por todo o amor, apoio e deliciosa e enqueijada bondade.*

Frankie fechou o livro com força e atirou-o para o outro lado da sala. Agarrou na mala que estava ao lado do sofá, calçou uns ténis vermelhos e saiu do seu minúsculo apartamento de Richmond.



Depois de procurar as chaves no fundo da mala, Frankie entrou na The Little Brunswick Street Bookshop; há cerca de um ano e meio que a livraria era como a sua segunda casa, mais ou menos desde a altura em que os seus sonhos se esfumaram e a sua vida se desmoronou. Trabalhar na livraria salvou-a, em vários aspetos. Fazia-a lembrar-se dos três meses que passou a trabalhar na famosa livraria parisiense, Shakespeare and Company, antes de regressar para começar o mestrado em Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne.

Livre de responsabilidades, Frankie deliciou-se com o tempo que passava perdida por entre as estantes, a escrever e a comer *croissants* de amêndoa. Agora, de cada vez que entrava na livraria, sentia a mesma onda de descontração a abater-se sobre si. Adorava observar as pessoas de dentro para fora, como um caleidoscópio invertido de amantes de literatura a olharem para as bonitas montras da livraria, a partir da vibrante Rua Brunswick. Adorava estar rodeada de mulheres poderosas, como Angelou, Atwood e Adichie. E, acima de tudo, adorava trabalhar com Cat. O marido de Cat, Claud, herdara a The Little Brunswick Street Bookshop

dos avós, e quando ele — contabilista numa pequena firma de advogados da cidade, que trabalhava muitas horas e tinha como intenso passatempo o tricô — não viu maneira de conseguir manter um segundo trabalho, Cat teve a ideia genial de ficar a vender livros ao balcão enquanto ele geria, ocasionalmente, a contabilidade da livraria nas traseiras. E quando Cat ofereceu emprego a Frankie, esta não demorou muito a dizer que sim, sim, *sim!*

Desde os dias que passavam a escrever cartas de amor a Mr. Darcy em vez de fazerem os exercícios de Álgebra do 8.º ano, a amizade entre ambas resistira, embora Cat, grávida do seu primeiro filho, passasse as noites de sábado a ver repetições do *Campeonato Nacional de Tricô* na Netflix com Claud, e Frankie, grávida com a pizza da noite anterior, passasse as suas noites de sábado a ter primeiros encontros absolutamente terríveis. E agora que passavam os dias inteiros rodeadas por livros, a discutir sobre os livros que liam (e, claro, a avaliar toda a gente pelas escolhas literárias que faziam), Cat e Frankie estavam mais próximas do que Horacio e Hamlet.

Frankie serpenteou por entre as estantes e atirou a mala para debaixo do balcão sem grandes cerimónias. Ligou o ar condicionado, deixou-se cair na cadeira por detrás da caixa registadora, pousou os pés no balcão e regressou ao exemplar gasto de *Emma*. Tinha acabado de virar a página quando a campainha da porta soou e Cat entrou. O cabelo ruivo frisado estava por todo o lado, o suor escorria-lhe pelo rosto, e usava um top de malha cor-de-rosa choque, calças de licra pretas e sapatilhas cor de laranja brilhantes.

— Catherine — disse Frankie, escondida por trás do seu livro e assentindo com a cabeça.

— Frankston — assentiu Cat de volta. Juntou-se a Frankie atrás do balcão e pegou na sua cópia de *Jasper Jones*, antes de pousar os pés ao lado dos da amiga.

— Estás a transpirar tanto porquê? — perguntou Frankie.

— Tive outra aula de dança *K-Pop* hoje de manhã, que foi fantástica, já agora, mas os chuveiros do ginásio estão avariados e não me apeteceu ir a casa mudar de roupa e depois ter de voltar a pé para aqui, por isso achei que o melhor era ficar um bocado lá fora a secar. Esqueci-me foi de que hoje estão uns maravilhosos 32 °C! Além disso, estes tops de malha

que o Claud está sempre a fazer não são nada bons no que diz respeito à capacidade de absorção de suor. Olha para mim a pingar, pareço um gelado a derreter! — Cat agarrou em Frankie e tentou puxar-lhe a cabeça para o peito transpirado.

Se Frankie era a rainha dos encontros, Cat era a rainha das aulas de exercício físico. Desde exercícios de *barre* até um verão escaldante de dança do verão, Cat apaixonava-se — e depois desapaixonava-se — por todos os tipos de exercício e modas saudáveis possíveis e imaginárias, antes de se fartar delas como Marius se fartou de Eponine. Tudo começara há alguns verões, e se inicialmente Frankie achou que aquela fixação pelo *fitness* era simplesmente uma nova inclinação de Cat para uma vida mais saudável, agora questionava-se se não estaria ligada a uma insegurança profunda. Cat costumava adorar ver as cabeças a virar-se para admirarem o seu absurdamente atraente marido, mas será que estava a começar a sentir-se transparente?

— Onde é que já vais? — perguntou Cat, olhando para o livro gasto de Frankie.

— Estou quase no pedido — disse Frankie com entusiasmo.

— Não te fartas de andar sempre a ler os mesmos livros?

— Tu estás a ler o *Jasper Jones* pela quarta vez — argumentou Frankie.

Cat abriu os braços, como se quisesse dizer: *touché*.

— Então, hoje na aula de *K-Pop* aconteceu uma coisa estranha.

— O quê? — perguntou Frankie.

A porta da frente abriu-se, interrompendo a conversa. Frankie e Cat fecharam os livros, tiraram os pés do balcão e levantaram-se, atentas. Um homem entroncado e ligeiramente careca entrou na livraria.

— Ficção científica — sibilou Cat.

— Biografia de guerra! — contrapôs Frankie.

O homem, de rosto corado, sorriu a ambas. Elas sorriram de volta e perguntaram se precisava de ajuda. Ele abanou a cabeça e começou a andar pela livraria com uma lentidão dolorosa, coçando a cabeça, mas sem tocar em livro nenhum. As duas mulheres fitavam-no, examinando cada passo.

— Faz lá o que tens a fazer — murmurou Cat para o homem.

— Ele está prestes a atacar! — sibilou Frankie.

Depois do que lhes pareceu uma eternidade, o homem parou na secção de ficção científica e agarrou em dois Stephen King, colocando rapidamente um por baixo de cada braço.

— Ah, caramba! Vem de camisa, mas não tem gravata. Devia ter percebido logo — disse Frankie, desiludida.

— Paga o que deves, Frankston. — Cat estendeu a mão diante do nariz de Frankie e agitou os dedos. Frankie tirou lentamente uma nota de 5 da carteira e colocou-a bruscamente na mão da amiga.

— São só estes dois maravilhosos livros de ficção científica? — perguntou Cat ao cliente, enquanto sorria a Frankie com ar travesso.

— Sim, adoro um bom Stephen King — respondeu o homem, pousando os livros no balcão para Cat os registar. — Na verdade era para experimentar aquela biografia de guerra, *The Crossroad*, do Mark qualquer-coisa. Sabe qual é? Mas depois pensei, não vou deixar passar algo realmente bom, pois não? E o King é realmente bom! — disse ele, com uma risada.

Frankie fitou-o e Cat abafou uma gargalhada, enquanto colocava os livros num saco de papel.

— Tenha um bom dia. Fico contente por ter preferido o Stephen King a uma *biografia de guerra*. O King é realmente muito *bom* — disse Cat alegremente.

— Pois é! Bem, até logo! — trinou o homem enquanto saía da livraria, com a campainha a soar atrás de si.

— Volte sempre! — exclamou Cat atrás dele, erguendo de modo triunfante o punho.

— Ele ia comprar uma biografia de guerra! Dá cá os meus 5 dólares! — Frankie agarrou na nota, mas Cat puxou-a.

— Ia comprar, mas não comprou. Azarito! Estes 5 dólares são todos meus — disse Cat com ar presumido.

Frankie suspirou.

— Não tens de soar tão satisfeita.

— Não sei do que estás a falar! — disse Cat a sorrir, soando ainda mais satisfeita consigo mesma.

Frankie franziu o sobrolho. Equilibraram novamente as pernas em cima do balcão e recostaram-se nas cadeiras. O calor do dia, cada vez mais intenso, entrava por baixo da porta de entrada, onde enfrentava o ar

condicionado da livraria. Gotículas de suor fresco escorriam pelo pescoço de Frankie e desciam-lhe até ao peito.

— Desculpa, estou um bocado idiota hoje — disse Cat.

Silêncio.

— «As coisas idiotas deixam de o ser se forem feitas de forma imprudente por pessoas sensatas.» — Frankie citou na perfeição o livro de Austen que estava a ler.

Cat sorriu enquanto Frankie fazia uma pequena vénia com a cabeça.

— Então e estás um bocadinho idiota porquê, Kitty Cat? O que aconteceu no *K-Pop*? Vais mudar-te para a Coreia? — brincou Frankie.

— Oh, não foi nada. Vou buscar os cafés — disse Cat, levantando-se um pouco depressa demais e agarrando na mala.

— Cat! Estou a falar a sério! O que aconteceu no *K-Pop*? — Não era nada típico de Cat comportar-se de forma tão evasiva. Frankie costumava conseguir que ela lhe contasse tudo, desde o que comera ao pequeno-almoço ao romance entre os dois artistas de rua que normalmente estavam em frente à livraria.

— Nada. Nada. — O rosto de Cat ficou ainda mais vermelho e os olhos dirigiram-se com urgência para a porta.

— Catherine Adeline Cooper. Alto! Conta-me. Tudo. Já. — Frankie olhou para ela de olhos semicerrados, com desconfiança.

Cat fitou-a com igual intensidade e ficaram presas num gélido concurso de olhares durante um minuto inteiro, um recorde para ambas.

— Oh, pronto, *está bem!* — Cat levantou os braços no ar, derrotada.

— Então?

— Bem, na aula de *K-Pop*... há um bailarino mesmo muito giro. Um rapaz. Chamado Jin Soo.

— Jin Soo?

— Sim, Jin Soo.

— E?

— E... Jin Soo.

— O que é que tem o Jin Soo?

— Bem, é que... assim, tipo, acidentalmente, sem saber bem como... fui para a cama com ele há umas semanas. — Cat tapou a boca com a mão e saiu disparada pela porta.

— O QUÊ? Cat? Cat, anda cá! — gritou Frankie, recusando-se a acreditar no que acabara de ouvir.

Cat, a trair Claud? Não; Frankie sabia que era impossível. Cat jamais enganaria Claud. O casamento de ambos não era perfeito, mas quem é que tinha um casamento perfeito? Cat amava Claud. Amava-o inteiramente, com toda a sua beleza ridícula e obsessão pelo tricô. *E* estava grávida de quatro meses do bebê dele, por amor de Deus!

Frankie saltou da cadeira e foi atrás da amiga transpirada e recentemente adúltera. Quando abriu a porta da livraria, parou de repente. Em vez de Cat, deu de caras com um homem. Era capaz de ser o homem mais atraente que alguma vez vira na vida. Era alto, mas corpulento. Para ela, era a combinação perfeita de John Knightley, Mr. Darcy e Edmund Bertram.

2

R esguardada novamente em segurança atrás do balcão, com o nariz enterrado no livro, Frankie observou o homem bonito enquanto este cirandava pela livraria. Corpulento, mas sem ser imponente, de t-shirt branca e calças de ganga, andava pela livraria com uma confiança tranquila, rodando os ombros enquanto se espremia por entre as prateleiras. Frankie levou a mão à taça dos M&M que estava ao lado do computador e colocou um na boca com um sorriso. *Que comecem os jogos!*

O homem aproximou-se dos clássicos. *Um início prometedor. Sim, acaricia as capas antigas e poeirentas. Não, espera. Há movimentos no horizonte!*

Ele continuou a andar, avançando para a secção de livros de viagem. Parou, olhou em redor e situou-se. Frankie susteve a respiração enquanto o observava a olhar para a secção de não-ficção. *Seria um historiador brilhante? Um economista?* Conseguiria trabalhar com isso. Mas, infelizmente, ele dirigiu-se para as biografias e ensaios. Acelerando o passo, o homem de cabelo cor de avelã avançou com passadas decisivas enquanto Frankie, precariamente escondida atrás do livro, devorava M&M uns atrás dos outros, até que ficou a olhar incrédula para o desconhecido ao ver que se dirigia para o fundo da livraria.

Não. Não. Não! Tudo menos aquela prateleira. A secção de Young Adult? Ele deve estar desorientado. Frankie pousou o livro e decidiu que já chegava; aquele cliente estava evidentemente confuso. No instante em que estava a abandonar a segurança do balcão, o homem pegou num livro de lombada cor de laranja sem a menor hesitação.

— Isto só pode ser uma piada de mau gosto — resmungou Frankie entre dentes. — Ele deve ter pelo menos uns 30 anos! É demasiado adulto — e bem-parecido — para estar a ler... — Agora Frankie estava mesmo confusa. — Ele acabou de pegar no *Crepúsculo*? Aaah. Por amor de...

¹ Segmento literário destinado a um público leitor com idades entre os 15 e os 20 anos. Também conhecido pela abreviatura: YA. [N. T.]

O homem levantou os olhos do livro e fitou Frankie com curiosidade.

— Merda. — Ela virou rapidamente as costas para a estante e apoiou-se no balcão da entrada. *Eu sabia que ele era bom demais para ser verdade*, disse para com os seus botões — desta vez silenciosamente —, pegando no telefone para ligar a Cat.

— Mas porque é que não me atende o telefone? — Frankie bateu o pé com impaciência.

— Hã-hã.

Virou-se ao ouvir o pigarrear ritmado e grave, quase derrubando o que restava da taça dos M&M, precariamente pousada no balcão.

— Desculpe. Como posso ajudá-lo? — Depois de recuperar a compostura, afastou um fio de cabelo do rosto.

— Hoje vou só levar este, por favor — disse o homem com um sorriso, com duas covinhas a marcarem-lhe o rosto.

Frankie avaliou o livro que tinha diante de si, semicerrando os olhos com desagrado ao ver a edição de capa garrida com a imagem do respetivo filme. Olhou discretamente para a mão esquerda dele. Não tinha aliança.

— Quer que embrulhe? Deve ser para a sua sobrinha, ou sobrinho? Para um filho? — perguntou esperançosamente.

— Não, não. Este é para mim. Tenho andado ansioso para saber o que acontece a seguir!

— Hum, claro. — Forçou um sorriso débil.

Frankie registou o livro e colocou-o num saco. Ao levantar os olhos, encontrou o homem a fitá-la quase com uma expressão de desejo. Ele tinha uma aura indiscutivelmente calorosa. Os olhos azuis pareciam dizer: *Não há outra pessoa neste mundo para quem preferisse estar a olhar intensamente neste preciso instante*. À medida que Frankie se deixava mergulhar nos olhos dele, o homem pareceu aproximar-se dela. Seria a mão dele que via agora a aproximar-se de si? *Ele não podia... Será que...* A cabeça do homem era agora um grande borrão, enquanto ele se debruçava sobre o balcão e encurtava a distância entre ambos. Sem pensar, Frankie imitou os movimentos dele e inclinou-se rapidamente na sua direção. A poucos centímetros de distância, ficou inebriada com o aroma a terra do perfume dele. *Certamente não é a mão dele que está a tocar com suavidade no meu rosto?* Ela inclinou-se mais e ele também; Frankie fechou os olhos. Estavam agora a escassos

centímetros um do outro. Frankie contraiu instintivamente os lábios. E beijou-o. Deu-lhe um beijo em cheio no nariz. *No nariz!* Enquanto estava ali, ainda com os lábios comprimidos, sentiu os dedos dele a beliscarem-lhe suavemente o rosto. Afastaram-se ambos bruscamente.

— Desculpe, tinha um bocadinho de chocolate no rosto — disse ele, mostrando o ofensor pedacinho em jeito de desculpa.

— Oh, meu Deus! Peço imensa desculpa, isto foi completamente inconveniente. Acabei de lhe dar um beijo. No nariz! — disse ela de uma rajada. — Não sei que bicho me mordeu. Acabei de receber uma notícia terrível e ainda estou com a cabeça meio afetada. — Frankie tropeçava nas próprias palavras. — São 20 dólares, obrigada.

Sem voltar a olhar para ele, concluiu a venda e empurrou o saco na direção do homem. Contornou o balcão, colocou um braço nas costas dele e conduziu-o rapidamente para a porta. Ele parecia estar a tentar dizer alguma coisa, mas Frankie murmurou o seu agradecimento e desculpas por cima das palavras dele, e um instante depois já ele estava a ser empurrado para a rua, com a porta a fechar-se firmemente atrás de si. Inspirando profundamente, Frankie encostou-se à porta e deixou que o calor do vidro lhe trespassasse o vestido, acalmando-a superficialmente.

Quando é que me tornei tão estupidamente ridícula?

☞ Frankie: Cat, diz-me onde estás, por favor. Vamos conversar sobre o que aconteceu. P.S.: Acabei de molestar um cliente. Preciso de apoio. Rápido.

Depois de ficar a olhar para o ecrã durante um minuto, incitando Cat a responder, Frankie saiu da aplicação Mensagens e, numa tentativa de se distrair, começou a ver fotografias no *Instagram*.

Cachorro fofinho.

Composição em *flat lay*.

Anúncio de noivado.

Abacate esmagado.

As fotografias perfeitamente compostas passavam-lhe diante dos olhos. Depois, enquanto navegava pelo *Facebook*, uma imagem em particular chamou-lhe a atenção. Sorriu.

👍 Cat Cooper: Obrigada, Senhor, por esta criação divina! Lune Croissanterie, casa comigo.

#cruffin #foodporn 📍 at Lune Croissanterie

Ali estava Cat, à frente do mundo inteiro, a devorar o que podia apenas denominar-se de paraíso da pastelaria. Frankie colocou o aviso na porta: «Volto daqui a 10 minutos! Fui comprar analgésicos para a ressaca de um bom livro!» e fechou-a atrás de si. Voou pelo caminho enquanto ralhava mentalmente consigo mesma. Como podia ter-se deixado enfeitiçar daquela forma por um par de bíceps de tamanho médio e um sorriso estonteante? E, além disso, o gosto literário dele devia ter sido o suficiente para quebrar o encanto. Nenhum homem adulto que leia livros sobre lobisomens apaixonados e adolescentes angustiados pode ser assim tão bom partido. Mas porque é que estava surpreendida por um homem a deixar com aquela sensação de desilusão? De decepção?

Frankie passou rapidamente revista ao seu historial recente de encontros. Prova A — A última experiência no *Tinder*:

🗨 Michael: Olá, Frankie. Onde é que vives em Melbourne?

🗨 Frankie: Em Richmond. E tu?

🗨 Michael: Acabei de sair da prisão e a minha ex mudou as fechaduras de casa. Precisava mesmo de um sítio onde ficar, o que dizes?

Prova B — O seu último encontro com um desconhecido: «É prata de verdade, toca-lhe lá!», disse-lhe ele, enquanto enfiava os talheres do restaurante chique nos bolsos.

Prova C — A última cambalhota: «Frankie, a tua vagina é como um taco de veludo.»

E depois veio Adam. Tinham-se passado 18 meses desde que Ads acabara a relação de ambos, que durara dois anos e meio. O relacionamento tinha sido muito intenso e ardente, até que deixou de ser. Apaixonaram-se muito depressa e mergulharam de cabeça na relação, mas os stresses externos acabaram por pesar demasiado nos ombros jovens e cegos de amor.

Quando as críticas do segundo livro de Frankie arrasaram com tudo, desde as personagens até ao uso do ponto e vírgula — «Hilary» classificou o *Há Qualquer Coisa em Jane* com zero estrelas, dizendo que «preferia ter uma diarreia severa durante uma semana a ler este livro outra vez» —, instalou-se sobre Frankie um bloqueio criativo verdadeiramente esmagador, e que ainda não tinha vencido.

Ads tinha sido promovido a sócio júnior na sua importante firma de advogados e andava demasiado preocupado com o trabalho para reparar que o desmoronar da carreira de Frankie estava a deixá-la arrasada.

🗨️ Ads: Olá, Franks. Parece que estás numa espécie de fase de transição e acho que não te posso ajudar como tu precisas. Acho que era melhor para ambos se fôssemos apenas bons amigos. Vemo-nos por aí. Beijo, Ads

🗨️ Frankie: Espero que vás morrer longe.

🗨️ Frankie: Desculpa. Não queria dizer isto.

🗨️ Frankie: Amo-te.

🗨️ Frankie: Vai-te foder.

🗨️ Frankie: Sinto a tua falta...

🗨️ Frankie: Vou apagar o teu contacto.

Depois de sobreviver a um tumultuoso período de luto, Frankie estava mais deprimida do que nunca. Perdeu não apenas toda a confiança em si enquanto escritora, mas também o seu emprego em part-time como assistente da biblioteca de uma escola primária, depois de ter um verdadeiro fanico repleto de impropérios durante o clube de leitura da turma do 1.º ano, ao descobrir via *Facebook* que Ads tinha uma namorada nova. Após meses de gelados *Ben & Jerry's* e sessões do *Diário da Nossa Paixão*, Frankie aventurou-se novamente no mundo dos encontros, apenas para destruir o ego com cada novo encontro falhado. Teriam aqueles meses todos sem sexo e sem acordar em conchinha sido demasiado para a sua pobre cabeça? Já para não dizer que esta solidão a fazia ser tão egoísta que nem sequer reparara no que estava a acontecer com a sua melhor amiga.

Depois de chegar à *Lune Croissanterie*, Frankie foi abrindo caminho por entre as pessoas que esperavam, enquanto verificava as mesas.

Viu Cat escondida num cantinho na parte de trás da pastelaria. À sua frente estava um sortido de *croissants* parcialmente comidos. Com um derradeiro tremor, Frankie afastou da memória a visão do beijo no nariz e sentou-se na cadeira ao lado da sua melhor amiga. Cat levantou os olhos, assustada, e o coração de Frankie despedaçou-se ao ver-lhe o rosto choroso e coberto de migalhas de *croissants*. Puxou Cat para si e fez-lhe festinhas nas costas, consolando-a com calmantes murmúrios.

— Como é que isto foi acontecer, Catty?

— São estas hormonas horríveis da gravidez! Invadiram-me o corpo e obrigam-me a fazer todo o tipo de loucuras — balbuciei Cat, limpando os olhos a um guardanapo amarrotado. — A pior parte é que nunca na vida me senti tão assanhada. E o Claud insiste em ser super cauteloso quando estamos na cama. Tem medo de amolgar o bebé ou qualquer coisa do género! Mas tudo o que me apetece fazer é sexo barulhento, completamente inapropriado, daquele que parte a cama em três sítios diferentes!

— Bem, não é certamente o mesmo que ter desejos de sandes de pickles e manteiga de amendoim às 3 da manhã — disse Frankie. — OK, as hormonas deixam-te maluca, mas quê, caíste simplesmente em cima do pénis dele depois da aula, foi?

Cat sorriu com ar culpado, a corar.

— Hum, na verdade, simplesmente aconteceu. Eu estava toda entusiasmada depois da aula de *K-Pop*. E ele estava um sonho. Foi uma coisa quase magnética — disse Cat efusivamente. — Depois da aula, ele veio ter comigo para me ajudar a alongar. Sabes aquele alongamento em que estás deitada no chão e alguém faz peso sobre a tua anca e perna? Ele estava praticamente montado em cima de mim e, sei lá, senti-me simplesmente inundada de desejo. Nunca tinha sentido uma coisa assim! Depois, assim que dei por ela, já estávamos a fazê-lo na casa de banho, entalados entre a sanita e um secador de mãos.

Suspirou e enterrou o rosto nas mãos pegajosas.

— Oh, Frank! Estou a consumir-me de culpa desde que isto aconteceu. Principalmente porque o Claud tem sido extra atencioso comigo desde que soubemos do bebé. Ele esforça-se tanto para se certificar de que estou confortável e feliz. E depois tu, Frankie! Nós não temos segredos uma para a outra.

Frankie apertou a perna de Cat.

— Ele tem alguma ideia de que isto aconteceu? — perguntou, com a voz mais firme que conseguiu encontrar.

— Claro que não, Deus do céu! — sibilou Cat, levantando os olhos. — Sabes como ele ia ficar. Ficaria completamente destroçado.

Frankie sempre soubera que Claud adorava Cat, mas ele era sensível e, por vezes, o tipo de homem que não perdoa. Não era invulgar Frankie chegar à livraria e encontrar os dois ainda a ferver por causa de alguma discussão que tinham tido na noite anterior. Eram dois indivíduos com personalidades fortes que viviam juntos e trabalhavam no mesmo sítio durante três dias por semana. Estavam unidos pelo amor e pela contabilidade, e depois de tantos anos entrelaçados, a relação de ambos acabara por se tornar menos apaixonada e mais prática. Mas, ainda assim, Frankie estava com dificuldades em acreditar no que ouvia.

— Ainda amas o Claud? Continuas a querer estar com ele, certo?

O corpo inteiro de Cat pareceu abater-se sobre si mesmo com esta pergunta. Hesitou durante um instante e depois disse:

— Sim, claro que sim. Vamos ter um bebé.

Frankie voltou a suspirar, agora já sem saber o que dizer. Queria proteger a amiga e mantê-la calma; mesmo quando tudo estava bem, Cat tinha níveis de açúcar no sangue bastante instáveis. E seria realmente de esperar que deitasse fora uma relação de 12 anos depois de um momento de insanidade hormonal? Embora nem sempre se entendessem na perfeição, Frankie sentia uma espécie de lealdade para com Claud, e queria protegê-lo desta infidelidade recém-descoberta. Cat sempre fora um pouco viciada na vida, passando rápido de uma paixão para a outra.

Isto deve ser só mais um dos seus episódios, pensou Frankie, uma falha momentânea no seu discernimento.

— E não vais voltar a estar com este tipo? — incentivou suavemente.

O lábio inferior de Cat estremeceu.

— Não vou voltar a estar com este tipo.

— Já leste o livro novo da Esther Perel? *The State of Affairs*?

Cat abanou a cabeça.

— Mas com uma pronúncia como a dela, acredito em praticamente tudo o que diga.

— Ela escreveu sobre como, por vezes, as pessoas traem não porque não amam os seus parceiros, ou porque estão à procura de qualquer coisa melhor, mas porque procuram, na verdade, uma outra parte de si mesmas, uma parte que se perdeu algures no meio de uma relação segura e confortável. — Frankie acariciou o braço de Cat e pegou num *pain au chocolat* meio comido. — Santo Deus, isto é como ter o Céu na boca!

E ficaram ali, com os braços encostados, a provarem rapidamente os bolos que tinham à sua frente. Cat olhou para as horas e decidiu que ainda tinham alguns minutos para conversar, por isso virou o interrogatório para Frankie.

— Então assediaste sexualmente um cliente, foi?

Foi a vez de Frankie de enterrar o rosto nas mãos, acanhando-se e rindo em igual proporção enquanto relatava o incidente em toda a sua excruciante glória, repetindo periodicamente:

— No nariz, Cat! Na *porra do nariz!*

Cat mal se aguentava com as gargalhadas, salpicando regularmente a mesa com migalhas e pedaços de creme.

— E *eu* que julgava que tinha problemas! — exclamou por entre arquejos.

— Foi sem sombra de dúvida o momento mais embaraçoso da minha vida.

— Ele era pelo menos agradável ao olhar? Ou ao olfato?! — Cat piscou o olho à amiga, que em resposta revirou os seus.

— É que nem imaginas quanto. — Desataram as duas a rir. — Ah, mas não vais acreditar no livro que ele comprou.

— *Alta Fidelidade? O Monte dos Vendavais? A Semente do Diabo?* — alvitrou Cat.

— Pior do que qualquer um deles.

— *As Cinquenta Sombras de Grey?*

Frankie ergueu as sobrancelhas, incentivando Cat a continuar a tentar.

— *As Cinquenta Sombras Mais Negras?*

— *Lua Nova!* — disse Frankie, incrédula.

— Não! Quero dizer, não me interpretes mal, até tenho um fraquinho por vampiros atraentes que querem vingar a morte e o estranho e sexy

lobisomem, mas *Lua Nova*? Tens a certeza de que o nariz que beijaste pertencia a um homem adulto?

— É, não é? Porque é que todos os homens giros têm péssimo gosto literário? — perguntou Frankie, desesperada, enquanto olhava para o empregado mais próximo e lhe fazia um olhar que pretendia dizer: *queria um cappuccino forte, se faz favor*.

— O que é que vamos fazer a respeito disto? — perguntou Cat para a nuca de Frankie.

— A respeito de quê?

— Esta escassez horrível de homens que está a ter efeitos estranhos nos teus extraordinários reflexos motores.

— Não vamos fazer nada. Eu não estou em condições de andar com ninguém!

Uma jovem empregada de calças de ganga puídas e top de alças preto aproximou-se finalmente da mesa, e as amigas pediram um *cappuccino* e um chá de menta para levar.

— Frank, alguma vez pensaste que talvez tenhas de ter um espírito mais aberto? Já falámos sobre a tua «brecha» — disse Cat. — Mesmo com o Ads, mantinhas sempre uma certa distância entre ambos. Talvez não estejas a ser suficientemente acolhedora, não queiras realmente deixar alguém entrar. Sabes, o romance não é só protagonizado pelo Mr. Bingley e pelo Atticus Finch!

— Olha, pelo menos esses eram bons leitores.



Quando regressaram à rua, Cat agarrou-se de repente a Frankie de forma bastante dramática.

— Estou demasiado exausta para caminhar! — Pestanejou para a amiga. — Podemos apanhar o próximo elétrico para voltarmos para a livraria? *Por favor?* — Frankie não foi capaz de evitar uma gargalhada, enquanto se dirigiam para a paragem de elétrico mais próxima e se deixavam cair no banco.

— Sabes, Frankenstein — disse Cat enquanto Frankie se debruçava, espreitando para a rua para ver se vinha algum elétrico —, fomos criadas

para não julgar um livro pela capa. Se calhar devíamos aplicar a mesma lógica aos homens.

— Ah, isso vindo de ti é maravilhoso, Cat Cooper. Tu condenas praticamente qualquer pessoa que apareça na livraria à procura de um dos livros do Nicholas Sparks.

— Porque o Sr. Sparks tem de diversificar! — respondeu Cat. — Mas tudo bem, tens uma certa razão.

— Vês, podemos dizer muito de uma pessoa através dos livros que lê.

Ao ouvirem o ruído familiar do elétrico que se aproximava, as duas amigas levantaram-se do banco e começaram a busca furiosa pelos respectivos passes de viagem. Quando entraram no veículo apinhado de gente, Cat olhou para os adolescentes que vinham sentados nos lugares prioritários e encaminhou-se na sua direção. Parou mesmo à frente deles, de pernas abertas e mãos na cintura, enquanto pigarreava sem qualquer cerimónia. Os adolescentes apressaram-se a sair com um ar aterrorizado, e Cat sentou-se com um sorriso satisfeito nos lábios. Apesar de a barriga ainda não se notar, a gravidez dera a Cat um novo apreço pelo conceito de posição de poder. Frankie seguiu-a timidamente e segurou-se ao corrimão ao lado da presunçosa amiga.

— Então — disse Cat subitamente, endireitando-se no lugar, como se tivesse acabado de lhe cair uma ideia na cabeça —, usa os livros para encontrar um homem!

— Desculpa?

— Os liiiiivros — repetiu Cat, como se fosse a estratégia mais óbvia.

— Mas estás a falar de quê, mulher?

— A sério, Frank. Se achas que é possível conhecer uma pessoa por aquilo que ela lê, porque não testar a tua teoria? Faz com que sejam os teus amigos John Willoughby e Jo March a avaliar os teus homens.

Frankie riu-se.

— Portanto, devia entrar à força nas casas dos homens e dar uma vistinha de olhos aos livros que têm na mesa de cabeceira, para decidir se são bons para casar ou não? Se aprendi alguma coisa hoje foi a não invadir o espaço pessoal das pessoas.

— Não disse que devias entrar na casa dos homens. Frankie, pensa um pouco nisto. A literatura é a tua vida. Viraste o *Tinder* de pernas para

o ar à procura de intelectuais que gostem de ler, mas não deu grande resultado. Vamos agitar um pouco as águas! Basta usares os teus livros favoritos para encontrares um homem.

— *Basta usares os teus livros favoritos para encontrares um homem?* Tu não estás boa da cabeça. — Frankie olhou distraidamente pela janela, permitindo que os olhos se descontraíssem e acompanhassem o movimento do elétrico.

— Sim, inaugura um clube literário. Podes colocar um cartaz na porta a dizer, «Procuram-se homens bons com excelente gosto em ficção clássica e contemporânea!» Podes conduzir as reuniões, tirar notas e testá-los nas suas capacidades analíticas... pelo menos fazia-te voltar a escrever.

Frankie revirou os olhos, mas depois, à medida que o ritmo do elétrico a embalava para uma suave dormência, teve uma ideia.

3

Pensamentos Alinhados

la de pé na carruagem do comboio, agarrada a um corrimão húmido (espero que não sejam resíduos humanos), com uma cópia puída do *Persuasão* na mão. À minha frente ia um homem a tocar ukelele vestido apenas com umas cuecas verdes e uma cartola (para dar classe à indumentária). Ouvia uma batida distante como pano de fundo. Bang. Bang. Bang. Chegaste ao fundo do poço, parecia dizer o som.

O que faço aqui neste vasto, amplo e, para mim, novo mundo dos blogues, perguntam vocês? Depois de beijar acidentalmente — hum-hum, molestar — o nariz de um desconhecido no meu local de trabalho, fui forçada a procurar métodos alternativos para encontrar um parceiro. Por isso, entrei no comboio das 5h42 para Alamein armada com um bom livro e um mísero resquício de respeito próprio. O meu plano? Recorrer à minha natureza literária profundamente crítica (porque, sejamos honestos, toda a gente julga os livros pelas suas capas) para peneirar os maus rapazes, os maus na cama e os maus leitores. Usando as palavras heroicas e irremediavelmente românticas de alguns dos meus livros favoritos, estou determinada a encontrar um homem razoavelmente bonito que me faça rir e que seja capaz de aguentar um jantar inteiro sem se sair com expressões como «LOL» e «Tipo». Certamente não estou a pedir demasiado, pois não?

Assim, depois de pilhar sub-repticiamente as prateleiras da livraria onde trabalho (#cleptomaniaca #shelfie #melhorpatroadesempre) e de escolher alguns livros da minha coleção pessoal, fui até à sétima página a contar do fim de cada um e escrevi a seguinte mensagem:

Tens um excelente gosto literário. Queres sair comigo?
Manda-me um e-mail para ScarlettO'xhello@ninjadoslivros.com

Durante as próximas semanas irei colocar discretamente os ditos livros (que vão desde Atkinson a Zafón), como uma verdadeira ninja, em vários comboios e elétricos que entram e saem da cidade. A minha esperança? Que um homem encontre um deles, o leia, e fique tão profunda e incontestavelmente arrebatado pelas suas palavras (porque este homem tem um gosto literário soberbo, é obviamente inteligente e tem a vida organizada) que tenha vontade de me contactar. Depois disto a coisa dá-se. Namoramos durante alguns meses. Começamos a viver juntos. Casamos. E antes que alguém consiga dizer Fitzwilliam Darcy já nós estaremos a viver felizes para sempre com três filhos, dois dálmatas e, naturalmente, uma enorme estante de madeira de nogueira americana.

Agora, sei o que estão a pensar... Mas esta mulher não tem um pingo de dignidade? Então e o feminismo, onde fica? E a sua preocupação com a privacidade e segurança? Será que não percebe que o valor da sua vida não depende do homem que faz parte dela?

Tenho de admitir: sinto-me sozinha. Não faço sexo há tantos meses que já lhes perdi a conta, e a última vez que alguém me abraçou, mas assim um abraço de verdade, foi quando tropecei ao entrar numa loja de conveniência às 23h40 para ir buscar um segundo balde de *Ben & Jerry's*. Não me interpretem mal, não há problema nenhum em querer mais do que o calor de um desconhecido àquela hora da noite. Mas a verdade é que estou disposta a expor-me perante vocês (quem quer que sejam e onde estejam), porque preciso de encontrar uma forma de ultrapassar a «brecha» (como a minha melhor amiga tão eloquentemente a denomina) que coloquei entre mim e as outras pessoas; preciso de arriscar na vida e no amor. Preciso de ultrapassar o meu medo desesperante do fracasso e de voltar a escrever, e talvez consiga encontrar o homem dos meus sonhos (ficcionais).

Oh, a outra coisa sobre a qual talvez estejam a questionar-se é: COMO É QUE ÉS CAPAZ DE TE SEPARAR DOS TEUS LIVROS? Não tenho resposta para esta pergunta. É a única falha no meu plano.

Já se passaram quatro dias desde que coloquei o *Persuasão* nos carris. Amanhã vou colocar *O Pintassilgo*, e no dia seguinte o *Catch-22*. E vou verificar obsessivamente o meu e-mail até que alguma coisa surja desta estranha experiência social, seja aquilo que espero ou algo completamente

inesperado (preferia esta última opção). Vou documentar aqui todas as correspondências dignas de menção, assim como as datas das suas ocorrências.

Para proteger a minha identidade, e com isto quero dizer para evitar que a minha mãe descubra o que estou a fazer, nos próximos meses vão conhecer-me apenas por Scarlett O' — a protagonista de *E Tudo o Vento Levou* (que incluiu também a sua sanidade mental!).

Até à próxima, meus queridos.
 Afinal, amanhã é outro encontro.
 Beijinhos,
 Scarlett O'

Deixe um comentário (3)

Cat in the Hat > Eu saía contigo na boa. Agora anda para aqui para vermos *Outlander*.

No offence but... > Tanto esforço só para encontrar um homem? Enquanto mulher independente, isto parece-me um pouco antifeminista.

Stephen Prince > @Nooffencebut... Acho que precisa de ir ao Google verificar a definição de feminismo. Scarlett O', és a minha rainha.

4

A Menina Perdida & Achada, de Brooke Davis

📍 Comboio de City Loop para Parliament Station

Nunca na sua vida se vira Frankie rodeada por tanta licra. Observou com espanto à medida que as *leggings* brilhantes e os curtos tops verde-lima dançavam em redor da sala.

— Não *acredito* que deixei que me arrastasses para uma coisa destas — gritou por cima da música *pop* coreana que troava por todo o armazém.

Cat deslizou para o chão e levantou a perna num ângulo de 90 graus, batendo-lhe ferozmente. Esfregou a barriga, pulsando ao som do ritmo. Frankie agachou-se ao lado dela e estendeu também a perna, tentando desastradamente acompanhá-la.

— Acho que não tens noção da tua falta de jeito para isto — disse Cat a rir.

— Acho que não percebes o quanto te detesto neste momento — replicou Frankie entre um girar de anca e um sacudir do cabelo.

O professor de dança de cabelo lilás, fato de treino branco e sapatilhas cor de laranja aumentou o volume da música.

— Agora vamos levantar e começar a Dança Arrogante! Um-dois. Um-dois. Um-dois.

Os 18 bailarinos coreanos levantaram-se em simultâneo e colocaram-se em posição sem o menor esforço; pernas afastadas, as ancas a balançar, seguidos pelas não-coreanas Frankie e Cat, que dançavam sem grande graciosidade mais ao fundo.

— É isso mesmo! A Dança Arrogante! A Dança Arrogante! — gritou o professor com tanto entusiasmo que Frankie pensou que o homem ia explodir numa bola de fumo e brilhantes.

Todos cruzaram os braços e balançaram o corpo em direção à frente da sala. Todos menos Frankie, que estava concentrada em não cair para a frente.

— Agora a Dança do Rabo. Depressa, a Dança do Rabo! A Dança do Rabo! — comandou o professor com seriedade, como se estivesse a ensinar os alunos a fazerem reanimação cardiorrespiratória e não a abanarem o traseiro.

Todos viraram as costas ao professor, e enquanto olhava para os excepcionais dançarinos vestidos de licra e de cabelos fluorescentes, assim como para a sua amiga grávida, de rosto corado e exceccionalmente descoordenada, a abanarem os rabos como se as suas vidas dependessem disso, Frankie teve de abafar uma gargalhada.

— OK, isto deve ser a coisa mais engraçada que já fiz na vida — disse a Cat, que abanava o traseiro, toda transpirada.

— Para de falar e abana o rabo, Frankston! Abana-o, caramba! — Cat deu-lhe uma palmada no traseiro.

— Sim, chefe! — exclamou Frankie a rir.

Instantes depois, enquanto tentava fazer o Bebé Fantástico, um movimento de dança que exigia que mexessem em simultâneo pernas e braços, Frankie perguntou, ofegante:

— Então, podes dizer-me, por favor, quem é o Jin Soo?

— Já te disse, não vou identificá-lo. Foi um incidente único, nunca mais vai voltar a acontecer. Nunca mais! — sibilou Cat, mexendo furiosamente os braços e as pernas de um lado para o outro como se fosse um polvo psicótico.

— E eu *disse-te* que só me apanhavas nesta aula se me dissesses quem foi o segundo homem com quem foste para a cama em toda a tua vida! — Frankie arquejou enquanto se abanava.

— Pronto, *está bem*. Mas para lá de te abanar; isso nem sequer é um movimento *K-Pop* — disse Cat com brusquidão, olhando em redor com nervosismo. — É aquele ali — disse, apontando vagamente para a frente da sala.

Frankie semicerrou os olhos e virou o pescoço para ver melhor.

— Quem? Aquele que está de camisola de rede prateada?

— Não, *aquele*. À frente da turma.

— Quem? O professor de dança?

Cat anuiu, envergonhada.

— Tu dormiste com o *professor* da tua aula de *K-Pop*? Cat! — arquejou Frankie.

— Sim. E agora que já sabes quem foi, nunca mais vamos voltar a falar disto — disse Cat com firmeza.

Frankie estremeceu. De repente, a confissão de Cat parecia-lhe demasiado real.

— Está bem, pronto — concordou com relutância.

— E para acabar, vamos passar à Ring Ding Dong! Todos à Ring Ding Dong! — gritou o Jin Soo.

— Queres fazer o Ring Ding com ele, Cat? — perguntou Frankie a rir.

— Para com isso! — Cat deu-lhe um murro no braço, com força.

Os bailarinos começaram todos a deslizar para o chão, com o suor a escorrer-lhes das testas. Subitamente, a música parou, e Frankie suspendeu de imediato os movimentos, sempre dois passos atrás dos restantes. Com uma voz surpreendentemente aguda, Jin Soo agradeceu a presença de toda a gente. À medida que as pessoas começavam a dispersar e a conversar em pequenos grupos, o professor tirou a camisola, revelando uns abdominais esculpados, de comer e chorar por mais. Frankie assobiou ao ouvido de Cat, mas depois recuou e viu a amiga constrangida, a fitar o chão.

— O que foi?

— Nada, Frankie. Nada. Só quero sair daqui — respondeu Cat, saindo rapidamente do armazém *K-Pop* e entrando na agitada Swan Street.



— Ainda não consigo acreditar que foste para a cama com ele, Cat. Não vais mesmo contar nada ao Claud?

Passaram por vários cafés, com o aroma rico do café e do pão acabado de fazer a pairar à sua volta.

— Não posso contar, Frank. Ele ia começar a tricotar como forma de terapia e nunca mais acabava — disse Cat, parando em frente ao Feast of Merit, o café favorito de ambas em Richmond.

— Acho que é boa ideia, Catty — concordou Frankie enquanto se colocavam na fila do balcão de takeaway. — E não te esqueças de que me prometeste que não voltavas a fazer nada parecido; senão, corto-te a cabeça!

— Sim, eu sei, eu sei — respondeu Cat.

— Um *latte* duplo e um chá de hortelã-pimenta, por favor — pediu Frankie ao barista, enquanto lhe entregava uma nota de 10.

— É para já. Em que nome fica? — O barista escreveu os pedidos nos copos de cartão.

— Jin Soo — respondeu Frankie com um sorriso travesso. Cat franziu-lhe o sobrolho.

Sentaram-se em duas grades empoleiradas no passeio e esperaram que chamassem pelo nome do professor.

— Oh, Deus. Mal posso esperar por voltar a beber café. Só faltam cinco meses até este bebé saltar cá para fora. Promete-me que quando me fores visitar ao hospital levas café, sashimi, queijo-creme e...

— Uma garrafa de *Pinot*. Já sei, já sei. Só me lembreste da tua lista de desejos todos os santos dias desde que descobriste que estavas grávida — respondeu Frankie.

— E vou continuar a lembrar-te todos os dias até ver uma travessa cheia de sashimi e queijo-creme à minha frente com um café de um lado e uma garrafa de *Pinot* do outro.

Frankie assentiu com a cabeça e viu as horas no telemóvel. Já eram 8h45 da manhã. Ia chegar tão atrasada para abrir a loja. Olhou para o seu reflexo na montra do café e resfolegou com desdém. O cabelo estava despenheado e frisado e a t-shirt que dizia I ♥ NY colava-se ao corpo, mas não tinha a menor hipótese de ir a casa tomar um duche.

Obrigou-se a afastar os olhos da sua imagem e olhou para Cat, que estava a explicar como Claud ainda estava em Adelaide, depois de ter passado à ronda seguinte na competição anual de tricô que se realizava no Sul, o concurso *Agulhas Mais Rápidas*.

— Ele está de rastos por ter de faltar à minha próxima consulta com o obstetra, mas eu disse-lhe que ele andava a treinar para isto há anos! Vem comigo à consulta seguinte.

— Se calhar até é melhor assim; ele não precisa de mais inspiração para tricotar roupas de bebé. Quantos *babygrows* de lã já tens? — Frankie olhou para o balcão do takeaway, cada vez mais ansiosa por se ir embora. Se ia ter de mudar de roupa na sala das traseiras da livraria, pelo menos queria ter tempo para usar o alisador de emergência para dar um jeitinho ao cabelo.

— Trouxeste livros para deixares no comboio? — perguntou Cat.

— Trouxe, pois, estão mesmo aqui — disse Frankie, dando uma palmada na mochila.

— E já recebeste algum e-mail?

— Ainda não, mas também só passou uma semana. É preciso tempo para chegarem ao fim dos livros — respondeu Frankie.

— Oh, despacha-te lá, homem de sonho! Ou perseguidores lunáticos...

Cat ficou subitamente em silêncio e escondeu a cabeça por detrás de um menu que por ali estava, espetando furiosamente Frankie com o dedo.

— O que é que estás a fazer? Ai! Isso magoa, Cat! — exclamou Frankie, dando uma palmada na mão da amiga.

— Ele está aqui — disse Cat.

— Quem é que está aqui?

— O Jin Soo. Está na fila para o café. Que merda. Não estabeleças contacto ocular com ele. Não olhes.

— Mas se o queres evitar, porque é que continuas a ir às aulas? — sibilou Frankie, agachando-se por detrás da planta de ar triste que estava em cima de uma grade à frente delas.

— Porque não se consegue ouvir aquele tipo de música em mais lado nenhum. E porque nunca mais vou falar com ele. Limito-me a entrar e a sair da aula. A entrar e a sair. Entrar e sair! — replicou Cat, corada.

— Está bem, está bem. Para lá de dizer «entrar e sair»! Queres ir embora? Eu pego nas bebidas e encontramo-nos do outro lado da esquina.

Cat assentiu furiosamente com a cabeça, levantando-se devagar.

— Jin Soo! — gritou o barista.

Frankie e Cat paralisaram.

— Jin Soo! Jin Soo!

— São as nossas bebidas — murmurou Frankie.

O Jin Soo levantou os olhos do telemóvel e viu Cat de imediato. Sorriu-lhe, claramente confuso.

— Jin Soo! — chamou novamente o barista.

— Corre — sibilou Cat.

— O quê?

— Corre! — repetiu Cat, e desatou a correr tão depressa quanto as suas pequenas pernas permitiam. Frankie foi atrás dela, abandonando as bebidas e a tentar não sucumbir às gargalhadas.

Quando se encontraram em segurança, a dois quarteirões e meio de distância, Frankie parou. Curvou-se para a frente e pousou as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade.

— Cristo, tu estás em forma — disse para Cat. — E agora estou ainda mais transpirada, meu Deus. Ainda por cima nem café bebi! — resmungou entre arquejos.

— Desculpa, foi uma reação ridícula da minha parte.

— Aquela *minha* ideia de dar o nome dele é que foi ridícula — concedeu Frankie, com um sorriso retorcido. Olhou para as horas e observou-se de cima a baixo. — Bem, tenho de ir embora. Sinto-me imunda e tenho alguns livros especiais para espalhar no caminho. Ficas bem? — perguntou com um sorriso.

Cat anuiu.

— Vemo-nos daqui a umas horas, Frankston — disse com uma gargalhada, e foi-se embora para o lado oposto, deixando Frankie seguir para o comboio, onde havia livros para colocar.



Frankie foi até à estação de Richmond e olhou para o horário eletrónico de comboios. Faltava um minuto para o da linha City Loop; correu para a plataforma três e esgueirou-se mesmo a tempo pela porta que se fechava. Encostada à porta, fechou os olhos por um segundo e tentou recuperar o fôlego.

Deus do céu, estou mesmo em baixo de forma. Tenho de me exercitar mais. Talvez faça mais algumas aulas de K-Pop...

Abriu os olhos e passou revista à carruagem. A maior parte dos lugares estava ocupada com os viajantes habituais entretidos com os telemóveis, portáteis ou *Kindles*. Ninguém folheava livros verdadeiros.

— Típico — resmungou Frankie enquanto se dirigia a um lugar vago. Sentou-se e tirou lentamente o seu exemplar de *A Menina Perdida & Achada* da mochila, equilibrando-o sub-repticiamente sobre o colo enquanto olhava em redor para ver se alguém a observava. Mas estavam todos demasiado ocupados, com as cabeças enfiadas nos aparelhos eletrónicos. Abriu o livro na sétima página a contar do fim e passou os dedos

pelos sulcos deixados pela sua caneta. Frankie fechou o livro, deu-lhe um beijo e pousou-o discretamente ao seu lado.

Por favor, faz com que o homem que encontrar este livro seja a minha alma gémea.

— OH. MEU. DEUS. É a Frankie Rose? — ouviu uma voz esganiçada perguntar atrás de si.

Frankie virou-se.

— Sou — respondeu com ceticismo.

— OH. MEU. DEUS! OH. MEU. DEUS! OH. MEU. DEUS! — guinchou a adolescente magricela, saindo do seu lugar para se empoleirar ao lado de Frankie, sem esta a convidar, e se sentar praticamente em cima do *A Menina Perdida & Achada*.

— Peço desculpa, mas conhecemo-nos? — perguntou Frankie.

— Eu sou só a sua maior fã. Já li *A Modern Austen* E *Há Qualquer Coisa em Jane*, sei lá, um milhão de vezes! São livros mesmo maravilhosos. OH, MEU DEUS — nem acredito que estou aqui consigo. Reconheci-a pela fotografia que está no interior da capa. Embora na fotografia esteja um pouco mais bem arranjada — disse a rapariga, olhando para o aspeto desalinhado de Frankie.

Frankie sorriu com constrangimento, mexendo-se no lugar.

— Então, vai publicar o terceiro livro? *Tenho* de saber o que acontece à Charlotte e ao Alexander. Tenho mesmo de saber! — A rapariga aproximou-se cada vez mais, até Frankie conseguir sentir o seu hálito salgado.

— Oh, não. Receio que não vá publicar mais livros. Já não escrevo — disse ela, afastando-se.

— O quê? Porquê? É a pior notícia que tive em toda a minha vida. A sério, não deixe que aquelas críticas terríveis a deitem abaixo, querida. Eu nem sei de que livro falavam. «O pior livro alguma vez publicado»? Por favor, eles nunca leram o *Otelo*? Fomos obrigados a lê-lo na escola e era um tédio com T maiúsculo. — A rapariga soltou uma gargalhada, dando um toque brincalhão no ombro de Frankie.

Isto não, não neste momento, pensou Frankie com um lamento. Tinha de se afastar daquela fã tão crítica de Shakespeare.

— Eu... acho que estou a ver o meu colega — disse, subitamente corada. Colocou a mochila sobre o ombro e deslizou até às portas interiores da carruagem.

— Esqueceu-se do seu livro, querida! — chamou a rapariga atrás dela. Frankie entrou na carruagem seguinte e deixou-se cair num lugar vago.

Pousou a cabeça nas mãos.

— Mas que pesadelo de merda — disse entre dentes.

— Está a ter um dia difícil? — perguntou o homem sentado à sua frente.

Ela levantou os olhos e quase morreu. Era o John-Knightley-Mr. Darcy-Edmund-Bertram que tinha estado na livraria. O homem que beijara, sem qualquer convite, mesmo em cheio no nariz. E acabara de praguejar entre dentes por causa de uma adolescente. Além disso estava... com *este* aspeto.

— Pode dizer-se que sim — disse Frankie, tentando fazer um sorriso, mas que certamente lhe saiu como um esgar.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — perguntou ele, com os extraordinários olhos azuis a reluzir. Estava com um ar ainda mais perfeito do que durante o terrível encontro entre ambos; desta vez vestia uma camisa xadrez e umas calças de sarja bege.

Quem é este tipo?, pensou Frankie enquanto se sentia corar. O homem, inteiramente composto, dirigiu-lhe um sorriso caloroso e voltou a concentrar-se no seu livro. *Os Jogos da Fome*. Frankie não conseguia parar de o fitar, por isso pegou no seu exemplar de *Mansfield Park* e fez de conta que lia.

Ele levantou os olhos do livro.

— O que é que está a ler?

— Hum, *Mansfield Park*. Pela centésima vez — disse ela, com uma gargalhada baixa e forçada.

— Oh, nunca ouvi falar. É bom?

Nunca ouviu falar de Mansfield Park? Frankie abafou um arquejo. *Mas olhem-me só para aqueles olhos*, pensou silenciosamente, enquanto tentava não ficar espedada a olhar para ele. *E a estrutura óssea. Talvez pudesse mudar o gosto literário dele, como no Pygmalion.*

Mas antes de lhe poder responder, o homem pegou na carteira e asentiu com a cabeça para um grupo de revisores que inundava o comboio.

— Mas que merda! — Pensou e disse Frankie, quando se lembrou que o passe do comboio estava no outro saco do ginásio, em casa.

— Está no outro saco. Troquei de sacos hoje. — Sabia que estava a falar demasiado, mas não conseguia parar. — Estava com tanta pressa para ir para a aula de *K-Pop*, que...

— O seu bilhete, por favor? — disse o revisor para o casal atrás dela.

— Calma, não se preocupe. Eu trato disto — disse o deslumbrante homem com um sorriso tímido.

Oh, podia perder-me completamente nesse sorriso, pensou Frankie. Mas depois acordou e concentrou-se no facto de que estava prestes a receber uma multa de 200 dólares por não ter bilhete.

Os revisores aproximaram-se e, naquele preciso instante, enquanto Frankie procurava uma desculpa que pudesse parecer razoável, o homem baixou o livro e aproximou perigosamente o rosto do de Frankie. Desta vez não havia a menor dúvida quanto às suas intenções. Segurou-lhe no rosto, debruçou-se para a frente e beijou-a. Enfiou as mãos no cabelo dela e um pequeno gemido escapou-se dos lábios de Frankie. Beijou-a com uma ânsia ardente que não se assemelhava a nada que Frankie tivesse experimentado. Se fossem personagens de um livro, tudo ao seu redor se esfumaria naquele momento, os botões saltariam, os sapatos voariam dos pés. E depois, de repente, o homem afastou-se.

— Já se foram embora — disse com um sorriso.

— Quem? — perguntou Frankie num murmúrio trémulo.

— Os revisores.

— Ah, oh, obrigada — disse ela roucamente.

— Não há problema. Funciona sempre.

Funciona sempre? Este tipo sabe-a toda. Frankie soltou uma gargalhada ofegante e constrangida; sentia o rosto a queimar e o coração a palpitar como uma borboleta que bebera demasiado café.

— Bem, sempre foi melhor do que o nosso primeiro beijo — disse o bonito desconhecido com um piscar de olhos. Depois regressou aos *Jogos da Fome* como se não tivesse acontecido nada.

Entre no comboio das 5h42 armada com um bom livro. Folheei até à sétima página a contar do fim e escrevi: *Tens um excelente gosto literário. Queres sair comigo?*

O meu plano? Usar as palavras heroicas e românticas de alguns dos meus livros favoritos para preencher o vazio que coloquei entre mim e as outras pessoas. É hora de arriscar na vida e no amor!

Os livros sempre foram um conforto para Frankie Rose. As palavras de Jane Austen ou de Charles Dickens são as suas melhores conselheiras, mas, fora do mundo literário que a encanta, Frankie sente-se sozinha e desiludida com a sua vida amorosa.

No entanto, está confiante de que a sua alma gémea literária existe. E é por isso que decide espalhar os seus romances favoritos pelos bancos dos transportes públicos, com uma nota no interior para quem os encontrar. Certamente o homem ideal saberá apreciar uma boa leitura e não resistirá a um gesto tão romântico!

O que Frankie não esperava era cruzar-se com Sunny, que, apesar de ser um leitor ávido, tem um grande problema: adora o tipo de livros que ela despreza. Conseguirá ela deixar o seu preconceito de lado? Ou irá continuar a vaguear pelas estações de comboios à procura do Mr. Darcy dos tempos modernos?

**UMA HISTÓRIA OBRIGATÓRIA PARA QUEM ACREDITA
QUE UM LIVRO PODE MUDAR UMA VIDA.**

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-8917-66-9



9 789898 917669

Ficção Romântica